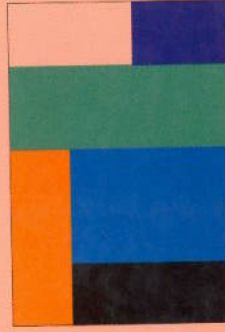


Beth Brait
(Org.)

"Aceitando com Voltaire que *um livro só é desculpável na medida em que ensina alguma coisa*, parece que este tem um lugar garantido, dado o empenho com que os autores dos textos tentaram, com evidente rigor, colocar algumas balizas nos estudos enunciativos, levando em conta alguns percursos históricos que dão forma a esse paradigma das pesquisas lingüísticas e, também, as perspectivas aí contidas."



Estudos Enunciativos no Brasil

Histórias e Perspectivas

Pontes



estudioso da teoria discursiva conhecida como sistêmico-funcional e que, para a discussão proposta, estabeleceu um curioso e fértil paralelo com alguns pontos da teoria bakhtiniana.

As ausências que podem ser sentidas, uma vez que no Brasil há muitos outros renomados estudiosos e mobilizadores das teorias enunciativas que poderiam estar participando desses encontros, devem-se a duas ou três circunstâncias incontornáveis: o ano tem apenas doze meses, e o Seminário era mensal; alguns convidados não puderam aceitar o convite; outros que participaram com efetiva colaboração não transformaram a fala em texto escrito. O que, na verdade, deixa uma semente para outro seminário e para a contínua necessidade do debate e da história desses estudos.

Os textos que constituem o livro configuram um perfil dos estudos enunciativos e discursivos que incide, especialmente mas não exclusivamente, sobre as teorias advindas de Benveniste e Bakhtin. Recortadas em seus conceitos fundantes, específicos, propulsores de uma concepção de linguagem que, privilegiando o social, o histórico e o cultural, não descarta a materialidade lingüística, essas teorias podem ser vistas em suas especificidades, como acontece nos textos de Carlos Alberto Faraco, José Luiz Fiorin e Sírio Possenti. O diálogo entre teorias aparece mais especificamente no trabalho de Irene Machado, em que Jakobson é justamente alinhado aos estudos enunciativos, e no meu próprio texto em que os protagonistas formam um sugestivo triângulo: Bakhtin, Jacqueline Authier-Revuz e o "outro". Coube a Eduardo Guimarães a importante e necessária tarefa de mapear os estudos da significação no Brasil, na década de 70, a partir do deslizante conceito de sujeito. Cecília Souza-e-Silva e Roxane Rojo, por meio de diferentes recortes, demonstram a produtividade dos meandros das teorias enunciativas e discursivas para a abordagem da linguagem em situação de trabalho, no primeiro caso, e para o ensino de compreensão e produção de textos, no segundo. Neste multifacetado conjunto, cujo eixo é o discurso e a enunciação, a lingüística textual não poderia estar ausente, cabendo a Ingedore Koch, profun- da conhecedora, a missão de estabelecer percursos e perspectivas.

ACEITANDO com Voltaire que *um livro só é desculpável na medida em que ensina alguma coisa*, parece que este tem um lugar garantido, dado o empenho com que os participantes do seminário e os autores dos textos tentaram, com evidente rigor, colocar algumas balizas nos estudos enunciativos, levando em conta alguns percursos históricos que dão forma a esse paradigma das pesquisas lingüísticas e, também, as perspectivas aí contidas.

Beth Brait

ALTERIDADE, DIALOGISMO, HETEROGENEIDADE: NEM SEMPRE O OUTRO É O MESMO

BETH BRAIT

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No início, este ensaio foi pensado como uma tentativa de surpreender as formas de presença de Bakhtin nos trabalhos de Jacqueline Authier-Revuz. Se por um lado essa reflexão contou sendo a motivação e o núcleo do texto, a leitura do conjunto da obra da autora demonstrou a necessidade de observar de perto os conceitos de "outro" que contribuíram para a constituição de seu conceito de heterogeneidade. Nesse caminho, isolar Bakhtin ignorando Lacan seria fraturar um pensamento teórico e as formas por ele assumidas a partir da aceitação, rejeição e articulação de duas fontes primárias.

Assim sendo, a reflexão começa com traços gerais a respeito da teoria de Authier-Revuz, aportando na fundamentação a partir do assunção do "outro" como constitutivo do sujeito e da linguagem; recupera o caminho bakhtiniano para a constituição de uma concepção de linguagem em que dialogismo e polifonia são alicerces necessariamente calcados num conceito de "outro" discursivo, ideológico e interacional; ensaia, com muitos "dedos", a concepção lacaniana em que inconsciente e linguagem autorizam o conceito de "outro"; e por fim, volta a Authier para surpreender os momentos de sua teoria em que Bakhtin é a contri- buição, e não Lacan.

O ENUNCIADOR GLOSADOR

Os trabalhos de Jacqueline Authier-Revuz, centrados de maneira original, insistente e coerente, tanto no que diz respeito ao delineamento teórico quanto à quase obsessiva descrição das formas e particularidades do objeto recortado, constituem sem sombra de dúvida, um dos grandes avanços nos estudos lingüísticos das últimas três décadas, conquistando para as abordagens enunciativas da língua um espaço privilegiado, recebido quase que sem restrições pelas diferentes vertentes da análise do discurso. O centro de suas preocupações está, como cada um dos artigos, capítulos, seminários ou conferências explicita incansavelmente, na descrição e tipologização da *modalização autonímica*, considerada por ela como uma *forma de enunciação que comporta uma representação da enunciação e que concerne duplamente ao campo heterogêneo da enunciação em que a língua - e, portanto, a lingüística - encontra a fala, o discurso e o sujeito*.

Como ela mesma trata de esclarecer em vários escritos, *esse ponto de encontro - fala, discurso, sujeito - é o lugar de importantes clivagens teóricas e concerne - em inter-relação - ao estatuto que é consagrado ao conceito de língua e à concepção, posta em jogo, de sujeito e de sua relação com a linguagem e com o sentido*. E o que é fundamental para a compreensão de todo o seu percurso: *essas escolhas teóricas diversas têm incidências marcantes sobre a descrição dos fenômenos enfocados*.

Essa síntese um tanto radical feita aqui, e que foi possibilitada justamente pela certeza de que esta reflexão está sendo dirigida a um público em constante contato com o pensamento da autora, permite reiterar a idéia de que um conceito bastante específico de *heterogeneidade*, de *preença constitutiva da alteridade*, aparece como núcleo da concepção de linguagem, de sujeito e de sentido de Authier-Revuz. Essa particularidade, que será discutida mais adiante, não apenas justifica a larga utilização e mobilização de diversos aspectos de sua proposta por diferentes tendências discursivo-enunciativas, isso tanto na França quanto no Brasil e em vários outros centros voltados para o estudo do discurso, como demanda uma tentativa de reflexão sobre o lugar escolhido por Authier-Revuz para conceber, observar, descrever e interpretar as relações sujeito, linguagem, sentido, bem como as confluências teóricas, por vezes aparentemente distanciadas, que constituem seu arcabouço analítico-descritivo. Nesse sentido, é possível constatar dois aspectos fundamentais para a configuração do conceito de heterogeneidade construído por Authier-

O primeiro refere-se ao fato de a autora insistir, reiteradamente, em se colocar como lingüista e não como analista do discurso, uma forma não

apenas de precaver-se contra determinados momentos ou tendências da análise do discurso em que a língua, a materialidade lingüística, e sua descrição foram preteridas em nome da análise ideológica do discurso e de outros tantos e ambíguos “exteriores lingüísticos”, mas também de explicitar uma postura que tem conseqüências teóricas, descritivas e interpretativas que devem ser levadas em conta na distinção entre a abordagem enunciativo-discursiva que é perseguida por suas propostas, e outras abordagens que, apesar de semelhantes, concebem língua, sujeito e discurso a partir de outros “exteriores” ou “interiores”.

Assim, não é por acaso que a descrição, no amplo conjunto dos trabalhos de Authier, permanece no nível lingüístico, na materialidade lingüística, no que a autora denomina “fio do discurso” e que pode ser entendido como enunciado, não no sentido da frase modelo mas do “ato de enunciação”. Não se pode confundir esse enunciado observado, esse ato de enunciação como explicita a autora em vários momentos, com texto ou com discurso num sentido mais amplo. Esse recorte lingüístico muito preciso não impede, pela originalidade teórica e descritiva, que as relações sujeito, linguagem, discurso sejam aí surpreendidas e interpretadas com rigor e método.

O segundo aspecto, que na verdade está diretamente associado ao primeiro, diz respeito aos “exteriores teóricos”, no sentido de teorias não propriamente lingüísticas, a que Authier recorre para constituir seu arcabouço teórico-descritivo e que são, para o interesse específico deste ensaio, o dialogismo do círculo de Bakhtin, de um lado, e a psicanálise, mais especificamente a constituída pela leitura que Lacan faz de Freud, de outro. Apesar de serem duas teorias de raízes e conseqüências bastante distanciadas (basta lembrar, por exemplo, que em 1927, sob a assinatura de Voloshinov, aparece o livro *Freudismo* uma franca polémica entre as posturas do círculo e as do pai da psicanálise), elas têm em comum o fato de terem oferecido para a concepção de sujeito, de linguagem, de sentido e da relação estabelecida entre essas posições, a idéia de não homogeneidade, de não-um, de alteridade constitutiva, de heterogeneidade constitutiva, de relação não separável um-outro. É o conceito de “outro constitutivo do eu/discurso”, portanto, que sustenta a originalidade e a contribuição decisiva dessas duas teorias para os estudos do sujeito e da linguagem.

E é precisamente por essa razão que Authier recorre a Bakhtin e a Lacan, estabelecendo entre as duas correntes de pensamento uma articulação coerente, possibilitada pela forma de construção, pela engenhosa arquitetura do interior de sua contribuição teórica. E de que maneira isso é feito? Que Bakhtin, que Lacan e que momentos do pensamento desses dois teóricos a autora mobiliza para construir seu arcabouço teórico original?

Para descrever as formas da heterogeneidade mostrada no discurso, concebidas como manifestações de diversos tipos de “negociação” do sujeito falante com o que considera heterogeneidade constitutiva, Authier-Revuz recorre necessariamente a essas duas correntes de pensamento que podem parecer até mesmo contraditórias, divergentes, por trabalharem concepções de sujeito, de sentido e de linguagem, a partir de diferentes posturas diante do que se compreende por “outro”, grande ou pequeno.

Entretanto, é o conceito de “outro” que constitui o núcleo central, nevralgico, ao mesmo tempo ponto de contato e diferenciação entre as duas teorias. A concepção de “outro”, com todas as suas consequências para o estudo do sujeito e da linguagem, não é a mesma nos trabalhos produzidos pelo círculo de Bakhtin, aqui entendido como o conjunto das assinaturas que se justapõem a do teórico russo, e aquela que está fundamentada na teoria lacaniana. Essas duas versões do “outro”, que serão perfeitamente utilizadas por Authier-Revuz, é preciso frisar, antes de apontar as diferenças, têm nas teorias de Bakhtin e Lacan dois pontos de contato fundamentais, ou seja, o primeiro exposto no fato de conceber o “outro” como inalienável, por diferentes caminhos, da constituição das identidades, dos sujeitos e das formas de manifestá-los e constituir-los na e pela linguagem e, o segundo, pela rígida oposição aos rumos dados à questão pela psicologia da época.

Para que se possa entender essas duas posturas a que a autora recorre, é preciso resumir, ainda que *grosso modo*, o caminho trilhado por cada um dos pensadores para erigir o conceito de “outro”, essencial para a compreensão de diferentes vertentes dos estudos enunciativos e discursivos contemporâneos.

COMO DIZ O “OUTRO” ...

Em Bakhtin, o percurso para a construção do conceito de “outro” está inteiramente ligado à elaboração das diversas matizes que vão constituindo seu conceito de linguagem, totalmente ancorado na dimensão dialógica. Assim sendo, tomando-se como ponto de partida a obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, publicada em 1929 e assinada Voloshinov, no capítulo intitulado “As relações entre a infra-estrutura e as superestruturas”, o autor, discutindo a questão do signo, da palavra, da ideologia, da interação e das relações estabelecidas entre psiquismo e ideologia, já aponta, ainda que sem nomear, para o que se poderia chamar de alteridade constitutiva do signo. As afirmações selecionadas a seguir, podem ser tomadas como os primeiros gestos em direção à construção da concepção bakhtiniana de “outro”:

Por certo, todos os índices sociais de valor dos temas ideológicos chegam igualmente à consciência individual que, como sabemos, é toda ideologia. Aí eles se tornam, de certa forma, índices individuais de valor, na medida em que a consciência individual os absorve como sendo seus, mas sua fonte não se encontra na consciência individual. O índice de valor é por natureza interindividual (destaque do autor) (Bakhtin/Volochinov, 1997: 45).

O signo ideológico é o território comum, tanto do psiquismo quanto da ideologia; é um território concreto, sociológico e significativo (idem, 57).

A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade lingüística (idem, 121).

Nessa mesma obra, no capítulo intitulado “Teoria da enunciação e problemas sintáticos”, a questão do “outro” vai aparecer de maneira mais concreta numa reflexão sobre a materialidade lingüística. Nesse momento, o autor vai dedicar-se ao estudo do *discurso citado*, que ele considera *um problema específico de sintaxe*, afirmando que a dimensão escolhida deve ser observada de uma perspectiva enunciativo-discursiva, ou seja, a questão do *discurso citado*, dos esquemas lingüísticos conhecidos como discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre, deve ser tratada de maneira diferente das abordagens gramaticais ou estilísticas: suas modificações e variantes encontradas na língua

servem para a transmissão das enunciações de outrem e para a integração dessas enunciações, enquanto enunciações de outrem, num contexto monológico coerente. Segundo Bakhtin, o interesse metodológico excepcional que apresentam esses fatos ainda não foi apreciado na sua justa medida. Ninguém foi capaz de discernir nessa questão de sintaxe à primeira vista secundária os problemas de enorme significação que ela coloca para a lingüística (idem, 143).

Ao trabalhar de forma pioneira o discurso citado enquanto *enunciação na enunciação, reação da palavra à palavra, discurso no discurso, recepção ativa do discurso de outrem*, o teórico dá continuidade à configuração do “outro” e sua participação na constituição do sujeito e das identidades, surpreendendo-o enquanto discurso presente no discurso, uma forma de heterogeneidade mostrada e que aponta para dois ângulos: o “outro” enquanto discurso e o “outro”

enquanto receptor. E passa a refletir sobre essa dimensão constitutiva da linguagem:

Como na realidade, apreendemos o discurso de outrem? Como o receptor experimenta a enunciação de outrem na sua consciência, que se exprime por meio do discurso interior? Como é o discurso ativamente absorvido pela consciência e qual a influência que ele tem sobre a orientação das palavras que o receptor pronunciará em seguida? Encontramos justamente nas formas do discurso citado um documento objetivo que esclarece esse problema. Esse documento, quando sabemos lê-lo, dá-nos indicações, não sobre os processos subjetivo-psicológicos passageiros e fortuitos que se passam na “alma” do receptor, mas sobre as tendências sociais estáveis características da apreensão ativa do discurso de outrem que se manifestam nas formas da língua (idem, 146).

A partir de agudas observações sobre a relação entre o contexto e as tendências dominantes da apreensão do discurso de outrem, o que de certa forma já aponta para a questão da interdiscursividade, de discursos e formas de confluência discursivas, representação e produção de sentido enquanto historicidade da linguagem, o autor traça uma espécie de história das formas de citação. Articulando formas de citação e gênero, percorre o discurso literário, sem deixar de mencionar o retórico, o jurídico, o político, aportando em obras de sua época e acenando para o escritor que lhe daria a matéria-prima para o estudo da alteridade, da interdiscursividade, do confronto de vozes: Dostoiévski, aquele que, instalando-se na longa tradição vinda do diálogo socrático, da sátira menipéia e do “sério-cômico” em geral, engendra, segundo Bakhtin, o gênero polifônico por excelência.

Acompanhar um dos momentos mais expressivos da concepção bakhtiniana de “outro”, surpreendida a tessitura polifônica do conjunto da obra de Dostoiévski, e que está registrado em seu trabalho *Problemas da poética de Dostoiévski*¹, significa, dentre várias outras coisas, defrontar-se com a análise de um texto que, enquanto título, temática, problemática e discurso, trabalha com criativa precisão a questão do “outro”. Trata-se da novela *O duplo*², sem dúvida uma peça literária que pode

1. A primeira edição é de 1929, a segunda modificada é de 1963, e aqui utilizarei a segunda edição brasileira, que é de 1997.

2. Trata-se de uma novela que tem duas versões para o português. Uma intitulada *O duplo*, traduzida e anotada por Natália Nunes e Oscar Mendes, publicada em *Fiódor M. Dostoiévski - Obra Completa*. Rio, Aguilar, 1963. Vol. 1. pp. 287-388. E outra, intitulada *O sócio*, traduzida por Vivaldo Coaracy, publicada em *Obras Completas (ficção) e Ilustradas de F. M. Dostoiévski, O ladrão honrado (Várias histórias)*, Rio, José Olympio, 1962. Vol. 9, pp. 197-339.

fornecer um material perfeito para análises psicológicas ou psicanalíticas, mas que nas mãos de Bakhtin vai ser observada enquanto construção discursiva, enquanto trama sintática das formas de presenças de vozes que se espelham, que se mimetizam, que se antagonizam, expondo os conflitos existentes entre o mesmo e o outro.

Com extremo rigor, Bakhtin vai perseguir no texto as várias formas de presença da palavra do outro, do discurso do outro no discurso do protagonista, descrevendo, analisando e apontando as consequências das diferenciadas relações suscitadas no que diz respeito a esse discurso, advindo ficcionalmente da projeção e desdobramento do mesmo em outro.

Há uma dimensão caracterizada como a tentativa empreendida pelo protagonista de *simular sua total independência em relação ao discurso do “outro”*, marcada discursivamente por repetições, ressaltos, prolixidades, e que aqui permite enxergar formas do que Authier-Revuz vai chamar de heterogeneidade marcada, e cujo resultado na novela é a nula tentativa do protagonista vencer-se, animar-se, acalmar-se, representando o outro em relação a si mesmo. Há uma outra dimensão caracterizada como a *vontade do protagonista de não dar atenção a si mesmo, de misturar-se na multidão, de tornar-se invisível*. E, ainda, uma terceira forma de relação com o discurso do outro que se caracteriza pela *concessão, subordinação a esse discurso, resignada assimilação como se ele de fato pesasse assim*.

Para analisar essas três dimensões, cujas marcas estilístico-discursivas constituem a originalidade e a beleza desse texto de Dostoiévski e, ao mesmo tempo, um achado, uma das peças de resistência para o desvendamento dos conceitos de “outro”, “alteridade”, “vozes”, “polifonia” e “dialogismo”, Bakhtin descreve e analisa vários aspectos da “materialidade lingüística”, dos fios discursivos que vão constituindo vozes e estabelecendo conflitos constitutivos desse sujeito e de sua linguagem. Assim, observa diálogos do protagonista consigo mesmo, demonstrando pela análise de vários trechos, de que maneira *o diálogo permite substituir com sua própria voz a voz de outra pessoa*, permite que *o protagonista trate a si como a uma outra pessoa*. Essas vozes são flagradas, num primeiro momento, como sendo a segunda segura, calma e auto-suficiente, e a primeira insegura e tímida. Não podendo ser fundidas em uma só, vão ganhando autonomia, vão dialogando de forma conflituosa: *Além disso, essa segunda voz destoa tanto da primeira e se sente tão ameaçadoramente autônoma que nela, em vez dos tons tranqüilizadores e incentivadores, começa-se a ouvir os tons provocantes, zombeteiros, traiçoeiros*.

O que vai sendo desvendado pela trama sintática do discurso, das vozes que fazem aflorar o discurso no discurso, a palavra afrontando a palavra, é a alteridade enquanto condição humana e que o privilegiado texto de Dostoiévski arquiteta não como simples doença, pura patologia do protagonista, o que até poderia ser analisado como tal, mas como condição constitutiva da linguagem³. O mesmo e o outro, o sujeito e suas vozes, vão projetando diferentes identidades, diferentes personalidades através de diferentes vozes discursivas que se defrontam e que Bakhtin vai surpreendendo na pontuação, no vocabulário, nas construções sintáticas e não simplesmente nos conteúdos dos diferentes momentos narrativos. Na verdade, o que o autor demonstra, por meio da análise dos recursos discursivos, é que na "intriga" entre o protagonista e seu duplo atuam três vozes: *seu "eu para si mesmo", que não pode passar sem o "outro" e seu reconhecimento; o seu fictício "eu para o "outro" (reflexo no "outro"), ou seja, a segunda voz substituinte de Goliádkin; a voz do "outro" que não o reconhece, que, não obstante, fora de Goliádkin não está representada em termos reais, pois na obra não há "outros" heróis em isonomia com ele.*

A análise prossegue ainda surpreendendo esse jogo de vozes entre o mesmo e o outro no nível da narração de *orientação dialógica*, apontando estratégias como a segunda voz do protagonista se fundindo a do narrador, a interferência de duas vozes, as entonações zombeteiras do narrador, a fusão dissonante de réplicas, fenômenos que Bakhtin caracteriza como essenciais na sintaxe de *O duplo*, texto em que *a estrutura sintática é determinada não pelo scz em si mesmo, e nem pelo dialeto falado pelos funcionários ou pela terminologia da repartição pública de caráter oficial, mas, acima de tudo, pelo choque e a dissonância de diferentes acentos nos limites de um todo sintático, ou seja, é determinada precisamente pelo fato de que esse todo, sendo um só, acomoda em si os acentos de duas vozes.*

O que chama a atenção na análise feita por Bakhtin, portanto, é que ela fornece os elementos para a concepção de "outro", tomando para isso um texto literário que, do ponto de vista do tema e da construção, dá conta da complexidade do que se pode entender por alteridade, sujeito cindido, heterogeneidade discursiva, polifonia, dialogismo. Como num jogo de espelhos, a análise ilumina uma nova dimensão do texto de Dostoiévski e, ao mesmo tempo, é esse texto que fornece os motivos para que Bakhtin constitua de fato sua concepção de "outro", ancorada basicamente na linguagem e na ideologia.

3. Dominique Arban, na obra *Dostoiévski par lui même*, faz a seguinte afirmação: *Ce que Dostoiévski instaure ici - nul ne s'en aperçoit alors - c'est l'identité du langage et de l'homme; du langage et de la maladie - qu'il exprime jusqu'à la contagion* (Arban, 1962:59).

Evidentemente que esse conceito de "outro", discursivamente surpreendido, vai reaparecer, ser aproveitado e desenvolvido em outros textos, como é o caso de *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* (1975) e *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento* (1965). Entretanto, é possível considerar, para efeito deste ensaio, a idéia central de que o conceito de "outro" em Bakhtin foi construído a partir de suas reflexões sobre a linguagem enquanto condição humana constitutiva, levando em conta a dimensão psíquica, que ele aborda pela consciência e pela ideologia, a interdiscursividade que atravessa o sujeito e impede a homogeneidade, o "um absoluto".

Nesse sentido, a novela *O duplo* parece exemplar no que se refere à questão do "outro", da autoria, da identidade, na medida que engendra um jogo de espelhos infinito. Num primeiro momento, é Dostoiévski que recorre a Gogol para construir seu texto. *O duplo* tem confessadas e visíveis inspirações nos textos *O nariz* e *Diário de um louco*, de Gogol, e mereceu dos críticos da época até mesmo a qualificação de plágio (de sócia?). Se as semelhanças de fato são grandes, as marcas inalienáveis do estilo de Dostoiévski estão lá: *o terror, a invencível angústia, a impossível unidade de si, o terror de ser dois, a certeza de ser dois* (Arban, 1962: 59). É esse texto original, vindo de outros textos, confundindo autorias, que Bakhtin escolhe para falar do "outro", do duplo, como constitutiva e angustiante condição de ser e de linguagem, o que naturalmente inclui a ideologia, a sociedade e a cultura que abrigam o mesmo e o outro.

DE UM "OUTRO" AO "OUTRO"

Segundo o *Dicionário de psicanálise* (Roudinesco e Plon, 1998:558),

outro é o termo utilizado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico - o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou, ainda, Deus - que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intra-subjetiva em sua relação com o desejo. Pode ser simplesmente escrito com maiúscula, opondo-se então a um "outro" com letra maiúscula, definido como "outro" imaginário ou lugar da alteridade especular. Mas pode receber a grafia grande "outro" ou grande A, opondo-se então quer ao pequeno "outro", quer ao pequeno a, definido como objeto(pequeno)a.

Essa definição, que além de complexa envolve termos específicos da teoria lacaniana, como é o caso de *significante, sujeito, desejo, objeto*

(pequeno) a, pode ser um pouco mais explicitada, recorrendo-se ao mesmo dicionário e a outras fontes, no que diz respeito à forma como o conceito de “outro”, em Lacan, foi sendo construído.

Em primeiro lugar, é necessário considerar que Lacan

situa a questão da alteridade, isto é, da relação do homem com seu meio, com seu desejo e com o objeto, na perspectiva de uma determinação do inconsciente. Mais do que “outro”s [freudianos], entretanto, procurou mostrar o que distingue radicalmente o inconsciente freudiano - como outra cena, ou como lugar terceiro que escapa à consciência - de todas as concepções de inconsciente oriundas da psicologia. Por isso é que cunhou uma terminologia específica (“outro”/”outro”) para distinguir o que é da alçada do lugar terceiro, isto é, da determinação pelo inconsciente freudiano (“outro”), do que é do campo da pura dualidade (“outro”) no sentido da psicologia (Roudinesco e Plon, 1998:558).

Essa característica - alteridade enquanto *determinação do inconsciente* -, é preciso observar, instaura a diferença básica em relação à alteridade pensada por Bakhtin. Se o “Outro” com maiúscula não coincide com a concepção bakhtiniana de “outro”, tampouco o “outro” com minúscula, uma vez que o teórico russo também se afasta radicalmente das concepções psicológicas da alteridade.

Para situar a discussão em torno da alteridade, é possível estabelecer algumas etapas de construção teórica e distinção dos dois “outros” lacanianos. Em 1936, Lacan elabora o conceito do *estádio do espelho*, que é retomado em 1938 em *Os complexos familiares*, tomando como ponto de partida uma idéia do psicólogo Henri Wallon, transformada a partir da filosofia de Hegel:

Tratava-se na ocasião, a partir de uma teoria da alteridade centrada no especular e no imaginário, de designar o “outro” como um “outro” si mesmo, ou como uma representação do eu marcada pela prevalência da relação dual com a imagem do semelhante (Roudinesco e Plon, 1998:559).

Essa noção de alteridade, que se complica ainda um pouco mais a partir da leitura da *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel, vai dar lugar, depois de 1949 e da leitura de *Estruturas elementares do parentesco*, de Claude Lévi-Strauss, a numa nova concepção, bastante estruturalista, abrangendo o termo “grande Outro”:

Além das representações do eu, especulares ou imaginárias, o sujeito é determinado, segundo Lacan, por uma ordem simbólica designada como “lugar do “outro”” e perfeitamente distinta do que é do âmbito de uma relação com o “outro” (Roudinesco e Plon, 1998:559).

Entre as décadas 50 e 70, quer na fase estruturalista em que revê a teoria do inconsciente freudiano sob a influência da linguística saussureana, quer no contexto da reformulação lógica de seus próprios conceitos, Lacan define o Outro de várias maneiras, isto é: *o lugar em que se constitui o sujeito, que é representado pelo significante numa cadeia que o determina; o inconsciente é o discurso do “outro” no qual o sujeito recebe, sob a forma invertida que equivale à promessa, sua própria mensagem esquecida; o “outro” é a outra cena (o inconsciente) descrito por Freud, mas compreendida como “lugar de desdobramento da fala” onde o desejo do homem é o desejo do “outro”; o “outro” sexo, isto é, o lugar a partir do qual se enuncia uma diferença para cada sujeito.*

Como se pode constatar, a alteridade laciana tem suas raízes no inconsciente e, por essa razão, não pode ser confundida com a alteridade como foi concebida e tratada por Bakhtin. Isso não significa, entretanto, que não se possa, sem confundir as duas concepções trabalhar o outro bakhtiniano enquanto enquanto ideologia e lacanianamente como inconsciente, assegurando na linguagem os possíveis pontos de diálogo.

PALAVRAS INCERTAS

No conjunto dos trabalhos produzidos por Jacqueline Authier-Revuz (assinatura Jacqueline Authier até 1981) ao longo de mais de duas décadas, a descrição e a tipologização das formas da heterogeneidade mostrada vão sendo construídas, laboriosamente, desde o primeiro artigo, datado de 1977 e intitulado “Exercices de grammaire et discours rapporté”, que se encontra na revista *Langue Française* 33 (Paris, Larousse. pp.41-67) até o livro resultante da tese de doutorado de estado, que é de 1995 e se intitula *Ces mots qui ne vont pas de soi. Boucles réflexives et non-coïncidences du dire* (Paris, Larousse. 2 T.). É precisamente o olhar sobre esse conjunto que pode demonstrar de que maneira Authier promove a compatibilidade, a cumplicidade, de certa forma também inalienável, entre o “outro” bakhtiniano, concebido numa dimensão ideológica constitutiva da linguagem, e que significa tanto o interlocutor quanto os outros discursos constitutivos de qualquer discurso, e o “outro” laciano, concebido, na dimensão do inconsciente, como um desdobramento do mesmo.

Embora não caiba neste ensaio a descrição minuciosa dos dezenove trabalhos publicados por Authier, segundo minha arqueologia bibliográfica, incluindo artigos, livros e a publicação brasileira *Palavras incertas. As não-coincidências do dizer* (Trad. Cláudia R. C. Pfeiffer et alii. Campinas, Editora da Unicamp), datada de 1998, é possível retomar alguns marcos que fornecem pistas muito explícitas a respeito de três dimensões essenciais para a compreensão do conceito de heterogeneidade instituído e perseguido descritivamente por Authier-Revuz e que, dependendo do tipo de heterogeneidade mostrada descrita e interpretada, recorre à teoria bakhtiniana para aproveitar sua dimensão ideológica, ou à perspectiva lacaniana, para mobilizar as marcas do inconsciente na enunciação. Trata-se, portanto, não de opor ou homologar ideologia e inconsciente, mas de reconhecer as duas dimensões a partir da materialidade linguística, isto é, a partir dessa instância reveladora que é a língua, entendida como um lugar de exposição e constituição de identidades e de sujeitos.

A primeira pista para a observação da forma como os trabalhos de Authier-Revuz vão recorrendo à relação sentido-ideologia presente na materialidade linguística, conforme a articulação signo-ideologia presente nos escritos bakhtinianos, pode ser localizada na maneira como a autora, explicitamente, se apropria de alguns trabalhos do círculo de Bakhtin, ou seja, justamente aqueles que oferecem não apenas uma concepção de “outro”, mas procuram indicar algumas formas de presença desse “outro” no discurso, contribuindo decisivamente para uma das faces da heterogeneidade tal qual vai sendo concebida por Authier. Isso vai aparecer com muita clareza nos três primeiros trabalhos publicados pela autora, onde se pode perceber que, tratando-se das formas de presença do outro no discurso, no sentido de discursos relatados, a recorrência necessária à relação sentido-ideologia é feita a partir de Bakhtin, ou mais precisamente do trabalho *Marxismo e filosofia da linguagem*, assinado Voloshinov.

Embora a autora não mencione explicitamente os capítulos que trabalham essa questão na obra, trata-se da terceira parte, intitulada “Para uma história das formas da enunciação nas construções sintáticas - Tentativa de aplicação do método sociológico aos problemas sintáticos”, mencionado anteriormente e reiterado para esclarecer que o círculo de Bakhtin se preocupava com a questão do método, encarava a língua também em sua dimensão sintática e nem sempre observava os fenômenos linguísticos pelo viés da literatura. Assim, nessa terceira parte de *Marxismo e filosofia da linguagem*, os quatro capítulos que tratam em profundidade e de maneira inovadora as formas de discurso relatado intitulam-se: “Teoria da enunciação e problemas sintáticos”, “O discurso de outrem”, “Discurso indireto, discurso direto e suas variantes”, “Discurso indireto livre em francês, alemão e russo”.

No primeiro artigo de Jacqueline Authier-Revuz, que é assinado conjuntamente com um outro linguista, André Meunier, intitulado “Exercices de grammaire et discours rapporté” e publicado em 1977 (*Langue Française* 33. Paris, Larousse. pp.41-67) a autora se propõe a analisar os exercícios consagrados à questão do discurso relatado, a partir do estudo de um conjunto de manuais do primeiro ciclo, articulando os pontos de vista pedagógico e linguístico. O que ela pretende mostrar, já polemizando o conceito de língua que rege a elaboração desses manuais, é uma certa pedagogia da gramática, que privilegia exercícios de manipulação de frases pré-fabricadas, veiculando uma imagem da língua reduzida a uma combinatoria morfossintática “libertada” das condições de produção do discurso. Segundo o artigo, essa amputação, cheia de conseqüências tanto linguísticas quanto pedagógicas, apresenta uma visão fechada, empobrecida do “discurso relatado”, restringindo-se a exercícios estereis e nocivos.

A partir dessa crítica, o artigo passa a mostrar uma nova abordagem do “discurso relatado” que, na verdade, deve ser encarado como um ato de comunicação que toma por objeto um outro ato de comunicação entre interlocutores, fazendo aparecer fenômenos enunciativos-discursivos que permitem estudá-lo sob uma nova perspectiva e, ainda, entender essa perspectiva a outros fenômenos semelhantes. Para fundamentar essa nova abordagem, o artigo remete, entre outros autores, a Voloshinov, mais especificamente à obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, em sua versão inglesa de 1973.

A obra é citada na bibliografia, aparece mencionada no corpo do texto e, também, numa nota de rodapé. A primeira menção feita no corpo do texto diz respeito ao fato de que os estudos sobre “discurso direto” e “discurso indireto” foram feitos, segundo as palavras da autora, em *quatro teóricos diferentes, em particular por Voloshinov* (p.59). A segunda menção está ligada às particularidades dos discursos relatados especificamente no que diz respeito às formas ativas da recepção de outrem: “Esta recepção ativa das falas de outrem, que supõe uma análise e uma filtragem antes da recriação de uma nova mensagem - para retomar a análise de Voloshinov - faz do DI, um precioso instrumento para abordar com os alunos os problemas do sentido, ou seja, a relação de um discurso original com as diversas versões de “discurso indireto” faz aparecer, em vários níveis, os elementos constitutivos do sentido.

Nas conclusões, a autora apresenta diretamente a idéia da relação sentido-ideologia, que pode ser observada nas formas de tratar os discursos relatados e que deve reger as análises menos simplistas e menos ingênuas: *Uma ideologia do sentido, perigosamente simplista, concebe-o como uma realidade absolutamente objetivável (...)* Falando-se dos discursos observados,

descobre-se com os alunos que o relator neutro e inocente não existe, e que todo discurso relatado é interpretação e às vezes conflito.

Este primeiro artigo revela justamente o momento da reflexão inicial de Authier em que o "outro" aparece bakhtinianoamente, como fonte e como concepção: trata-se de uma perspectiva linguístico-discursiva em que a dimensão ideológica está recuperada na materialidade linguística e o outro é dimensionado como interlocutor e como discurso.

Em 1978, em seu segundo artigo, intitulado "Les formes de discours rapporté. Remarques syntaxiques et sémantiques" (DRLAV, 17. Paris, Centre de Recherche de l'Université de Paris VIII, pp. 1-87), Authier também vai tratar detalhadamente das formas do discurso relatado, explicitando na introdução a maneira como compreende esse discurso: *Relatar falas é o papel que se atribui às formas do discurso relatado; é preciso eliminar a ambigüidade do termo fala (parole): ele não deve ser entendido no sentido de enunciado, mas no de ato de enunciação*. Coerentemente, também nesse artigo Voloshinov é a fonte de referência, aparecendo numa nota de rodapé - *Cf. a bela expressão de Volochinov: 'estilo monumental', e a análise dos blocos massivos, inertes, inanalizáveis do discurso direto tal como os encontramos nos textos russos antigos*" (p. 51) e na bibliografia, a mesma obra anterior, *Marxismo e filosofia da linguagem*, é citada em sua versão russa, de 1929, e na versão francesa de 1977, sem menção específica aos capítulos que trabalham detalhadamente os elementos envolvidos, do ponto de vista da interação e das particularidades dos atos de enunciação articulados nessas formas de discurso.

O terceiro artigo que trata das especificidades das formas de discurso relatado, data de 1979, intitula-se "Problèmes posés par le traitement du discours rapporté dans une grammaire de phrase" (*Linguisticae Investigationes*. Amsterdam, John Benjamins. Tomo III: 2, pp. 211-228). Nele aparece a mesma referência bibliográfica do anterior (Voloshinov V. N. *Marxism i filosofijia jazyla*. Leningrad, 1929. Trad. Fran. Bakhtin M. (Volochinov) *Le marxisme et la philosophie du langage*. Paris, Minit, 1977), e há ainda duas menções no corpo do texto. Na primeira, depois de retomar Jakobson no que diz respeito à "estrutura da mensagem remetendo à mensagem", refere-se a Bakhtin da seguinte maneira: [o discurso relatado] *segundo os termos tomados de Volochinov 1929, é descrito como 'um enunciado no interior de um enunciado' e ao mesmo tempo 'um enunciado sobre um enunciado'* (p.211).

Na segunda, a autora afirma: *O estudo de Volochinov 1929 sobre o discurso relatado, repousava sobre a rejeição argumentada dessa concepção*, referindo-se aqui à importante rejeição de Bakhtin aos estudos tradicionais sobre as formas do discurso relatado, ou seja, aqueles que

faziam derivar umas formas das outras, segundo um processo mais ou menos formalizado: para obter-se o discurso indireto, parte-se do discurso direto pré-estabelecendo "encaixamentos" (encaideamento) acompanhados de diversos ajustes que concernem aos dêiticos; para o discurso indireto livre procede-se ao apagamento no discurso indireto da marca que de subordinação.

Depois desses três artigos, seguem-se dois outros sem nenhuma menção aos "exteiores teóricos", mas que são trabalhos importantes, voltados para os aspectos enunciativos da pontuação.

É precisamente no sexto artigo, "Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours" (DRLAV, 26. Paris, Centre de Recherche de l'Université de Paris VIII, pp. 91-151), um verdadeiro ensaio sobre a descrição das formas da heterogeneidade mostrada no discurso, que Authier-Revuz vai esclarecer a que "exteiores teóricos" teve de recorrer para configurar essas formas, mencionando explicitamente o *dialogismo* do círculo de Bakhtine e a *psicanálise*. É sem dúvida o momento em que, explicitando sua condição de linguísta, sua análise "puramente" linguística, ainda que considerando o enunciado enquanto *ato de enunciação*, esclarece a cada passo essa posição, ou seja, não é uma analista do discurso, uma psicanalista, mas assume a perspectiva linguística, o que vai ser confirmado ao longo de seus trabalhos posteriores, de sua descrição pontual, minuciosa, centrada no fio do enunciado.

Assim, no que diz respeito aos exteiores teóricos, é esse o texto que, sem ser o único, pois há essas mesmas referências retomadas em vários outros, define a necessidade de, para trabalhar a *heterogeneidade mostrada*, recorrer à teoria ou a teóricos que tenham apontado e trabalhado a *heterogeneidade constitutiva da linguagem e do sujeito*. E é aí que ela encontra, reconhece e mostra as formas de leitura e aproveitamento de Bakhtin e Lacan. A bibliografia, aos conteúdos dos primeiros textos que mencionavam unicamente *Marxismo e filosofia da linguagem*, amplia-se e incorpora *Problèmes de l'oeuvre de Dostoievski* e *Problèmes de la poétique de Dostoievski*, versões de 29 e 63 (Leningrado e Moscou), e a mesma obra nas versões francesas de 1970 (Paris, Lausanne); *L'oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Age et sous la Renaissance*, Moscou, 1965, com tradução para o francês em 1970; *Question de littérature et d'esthétique*; Moscou, 1975, com tradução francesa em 1978; *Esthétique et théorie du roman*, Paris, Gallimard; e a obra que na verdade serve de apoio para a autora que é *Mikhail Bakhtin, le principe dialogique, suivi de Ecrits du cercle de Bakhtin*, publicado por Todorov em 1981.

Para poder fazer um resumo do dialogismo de Bakhtin que será recuperado em sua teoria, Authier apressa-se em esclarecer que não é uma especialista e começa comentando o número de traduções e de trabalhos que estavam sendo consagrados ao círculo de Bakhtin em seu conjunto, ou mesmo unicamente a Bakhtin ou a Voloshinov, naquele momento, e a frequência de referências ao grupo nos trabalhos de lingüistas, semiotistas ou teóricos da literatura, principalmente a partir do texto de Kristeva, aparecido em 1969 e intitulado "Le mot, le dialogue, le roman" (*Semiotique, recherches pour une sémanalyse*, Paris, Seuil).

Nesse ponto, vai tecer considerações sobre o fato de que o fenômeno não é espantoso principalmente porque essas referências circulavam num horizonte não propriamente lingüístico, mas semiótico e literário, que era, segundo sua avaliação, o da reflexão bakhtiniana, mas que essa reflexão multiforme sobre o dialogismo passou a fazer parte de campos referentes à análise do discurso, à sociolingüística, às teorias da enunciação, à pragmática etc.

Apesar de reconhecer o valor, vai mostrar o que ela considera as condições dessa teoria dialógica, no sentido da abundância de formulações e por vezes a flutuação do pensamento. Sem entrar no mérito dessas considerações, uma vez que a autora acentuou o fato de não ser uma especialista, desculpando-se de antemão pelos tropeços de leitura, o que interessa aqui é que, em meio a comentários nem sempre justos para com o trabalho do círculo, como é o caso de um conceito de língua, de um conceito de sistema, que pela sua leitura parece estar descartado, ela vai justamente salientar o conceito de "outro" que aí se encontra e do qual ela vai lançar mão em vários momentos de seu trabalho:

O que se afirma de maneira insistente através da rede de oposições [aqui ela se refere às oposições monólogo/diálogo, múltiplo/único, heterogêneo/homogêneo destacadas pelo círculo] é o lugar dado ao "outro" na perspectiva dialógica, mas um "outro" que não é nem um duplo (o dublê) de um face a face, nem o "diferente", mas um "outro" que atravessa constitutivamente o um (...) o "outro" de Bakhtin, aquele dos "outros" discursos, o "outro" interlocutor, pertence ao campo do discurso, do sentido construído (...) com as palavras "carregadas de história" (...). O "outro" do dialogismo de Bakhtin não é nem o objeto exterior do discurso (falar do discurso do "outro"), nem o duplo (o dublê), exterior do locutor: ele é condição do discurso, é uma fronteira interior que marca no discurso a relação constitutiva com o "outro" (...). Ele se junta à posição que se manifesta na renovação atual das perspecti-

vas da análise do discurso, pelo questionamento teórico de toda concepção homogeneizante da discursividade (...) Não se pode desconhecer a força e a atualidade do ponto de vista bakhtiniano, e, em particular, nessa articulação mantida entre "os outros" discursos" e "o discurso de "outro" interlocutor" (Authier-Revuz, 1982: 103, 119, 121, 122, 123).

No que diz respeito à psicanálise, muito mais reconhecida como exterior teórico dos trabalhos de Authier-Revuz realizados depois desse sexto artigo, ela vai enfatizar a maneira como o conceito de "outro" questiona a unicidade do significante da cadeia linear, diferenciando-o do outro concebido pelo círculo de Bakhtin:

O "outro" do inconsciente, do imprevisto do sentido, de um sentido "desconstruído" no funcionamento autônomo do significante, que abre no discurso uma outra heterogeneidade - de uma outra natureza - diferente da que estrutura o campo do discurso de Bakhtin, está ausente do horizonte bakhtiniano. Há uma radical heterogeneidade, que está recusada, parece na teoria da heterogeneidade que quer ser o dialogismo (Authier-Revuz, 1982: 119-120).

Para configurar esse outro do inconsciente, ela vai, entre várias explicações, recorrer às palavras de Lemaire que, num trabalho de 1977, intitulado *Jacques Lacan*, esclarece:

O discurso não se reduz a seu dizer explícito; ele traz com ele, como o próprio pensamento, o peso do "outro" de nós mesmos. Aquele que nós ignoramos ou que nós recusamos (Authier-Revuz, 1982: 128).

Essas duas diferentes concepções de "outro" podem ajudar a entender, no trabalho de Jacqueline Authier-Revuz com as formas de heterogeneidade marcada, o diálogo estabelecido com Bakhtin e Lacan, posicionando-a não no campo da heterogeneidade constitutiva como os dois evocados, mas numa dimensão lingüística que expõe essa heterogeneidade e necessariamente faz apelo à ideologia e ao inconsciente, duas dimensões a que o homem está submetido. Se Bakhtin olhou por um lado e Lacan por outro, Authier, sem homologar as duas teorias, aproveita-se delas para conferir aos estudos enunciativos o estatuto de lugar da verificação das confluências e interferências existentes entre sentido, sujeito e discurso, surpreendidas na materialidade lingüística que expõe ideologia e inconsciente.

BIBLIOGRAFIA

- ARBAN, D. (1962). *Dostoievski par lui même*. Paris, Seuil.
- AUTHIER, J. (1978). Les formes de discours rapporté. Remarques syntaxiques et sémantiques. In: *DRLAV*, 17. Paris, Centre de Recherche de l'Université de Paris VIII. pp. 1-87.
- _____. (1979). 'Parler avec les signes de ponctuation' ou de la typographie à l'énonciation. In: *DRLAV*, 21. Paris, Centre de Recherche de l'Université de Paris VIII. pp. 76-87.
- _____. (1981). Paroles tenues à distance. In: CONEIN, B. e alii. *Materialité discursives*. Lille, Presses Universitaires de Lille. pp. 127-142.
- _____. (1979). Problèmes posés par le traitement du discours rapporté dans une grammaire de phrase. In: *Linguisticae Investigationes*. Amsterdam, John Benjamins. Tomo III: 2, pp. 211-228.
- _____. e MEUNIER, A. (1977). Exercices de grammaire et discours rapporté. In: *Langue Française*, 33. Paris, Larousse. pp. 41-67.
- AUTHIER-REVUZ, J. (1982). Hétérogénéité montrée hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. In: *DRLAV*, 26. Paris, Centre de Recherche de l'Université de Paris VIII. pp. 91-151.
- _____. (1984). Hétérogénéité(s) énonciative(s). In: *Langages*, 73. Paris, Larousse. pp. 98-111.
- _____. (1985). La représentation de la parole dans un débat radiophonique: figures de dialogue et de dialogisme. In: *Langue Française*, 65. Paris, Larousse. pp. 92-102.
- _____. (1987). "Compte-rendu" [Bice Mortara Garavelli. La parola d'autri. Palermo: Sellerio editore, 1985. 163 pp.]. In: *Journal of Pragmatics*. Vol. 11 - n. 3, pp. 427-431.
- _____. (1987). L'auto-représentation opacifiante du dire dans certaines formes de 'couplage'. In: *DRLAV*, 36-37. Paris, Centre de Recherche de l'Université de Paris VIII. pp. 55-103.
- _____. (1987). Modalité autonymique et pseudo-anaphore déictique. In: *Cahier de Lexicologie*, 51. Paris, INL/CNRS. pp. 19-37.
- _____. (1990). La non-coïncidence interlocutive et ses reflets méta-énonciatifs. In: BERRENDONNER, A. e PARRET, H. (Éd.). *L'interaction communicative*. Berne, Peter Lang. pp. 173-194.
- _____. (1991). Hétérogénéités et ruptures. Quelques repères dans le champ énonciatif. In: PARRET, H. (Éd.). *Le sens et ses hétérogénéités*. Paris, CNRS. pp. 139-151.
- AUTHIER-REVUZ, J. (1992). Les non-coïncidence du dire et leur représentation méta-énonciative. Thèse de Doctorat d'État. Paris VIII, sous la direction de Blanche-Noëlle Grunig.
- _____. (1993). De quelques idées reçues au sujet du discours rapporté. In: *Perspectives*. Lausanne.
- _____. (1993). Jeux méta-énonciatif avec le temps. In: PARRET, H. (Éd.) *Temps et discours*. Louvain, Presses Universitaires de Louvain.
- _____. (1993). Pour L'Agrégation. Repères dans le champ du discours rapporté. In: *L'Information Grammaticale*, 55-56. Paris, pp. 38-42 e 10-15.
- _____. (1995). *Ces mots qui ne vont pas de soi. Boucles réflexives et non-coïncidences du dire*. Paris, Larousse. 2 T.
- _____. (1998). *Palavras incertas. As não-coincidências do dizer*. Trad. Cláudia R. C. Pfeiffer et alii. Campinas, Editora da Unicamp.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV) (1929/1997). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira, 8ª ed., São Paulo, Hucitec.
- BAKHTINE, M. (1965). *L'Oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Âge et sous la Renaissance*. Paris, Gallimard, 1970.
- _____. (1970). *La poésie de Dostoievski*. Paris, Seuil; *Problèmes de la poésie de Dostoievski*. Lausanne, l'Âge d'Homme, 1970.
- _____. (1975). *Question de littérature et d'esthétique*. Moscou, 1975. Trad. Fr. Esthétique et théorie du roman. Paris, Gallimard, 1978.
- _____. (1979). *Esthétique de la création verbale*. Paris, Gallimard, 1984.
- HOUEBBINE, J.-L. (1977). Une bouffe de pensée vivante (V.N. Volochnov). In: *Langage et marxisme*. Paris, Klincksieck pp. 161-173.
- LACAN, J. (1987). *Os complexos familiares na formação do indivíduo*. Rio, Zahar.
- _____. (1998). *Escritos*. Rio, Zahar, 1998.
- ROUDINESCO, E. (1994). *Jacques Lacan. Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo, Companhia das Letras.
- ROUDINESCO, E. e PLON, M. (1997/1998). *Dicionário de psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro. Rio, Zahar.
- VOLOCHINOV, V.N. (1973). *Marxism and the philosophy of language*. 1930, trad. inglesa, Seminar Press.